

GRUPOS DE ESTUDOS DE GEOGRAFIA: UMA MODALIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Clayton José Budin
claytonbariri@gmail.com

Acacia Aparecida da Silva
acacia46geo@gmail.com

Marcos Zacarias Farhat Junior
marquinho1717@gmail.com

Maria Cristina Navarro Alonso
m.crisgeo@hotmail.com

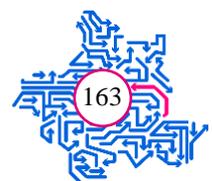
Resumo

Este trabalho tem como foco apresentar as atividades desenvolvidas por professores de Geografia em grupos de formação continuada. Esses grupos reúnem professores da rede Municipal de Campinas e tem como objetivo principal realizar estudos sobre o Currículo a partir do documento das Diretrizes Curriculares desenvolvido coletivamente por professores da rede municipal. Além disso, visam realizar estudos, pesquisas e debates de temas específicos dos componentes curriculares e de temas gerais da educação. Como metodologia, optamos por apresentar as atividades desenvolvidas nos últimos 7 anos, ou seja, desde 2010 até 2016. No ano de 2010, houve a retomada do grupo de estudos para os professores com uma finalidade específica: produzir as Diretrizes Curriculares de Campinas, os anos subsequentes, se tratam de estudos referentes a ela. Como resultado ao longo desses anos, teve-se a realização dos trabalhos por meio da leitura, reflexão, diálogo e elaboração de textos coletivos, a partir de temas como atividades didáticas com filmes, disciplina e indisciplina escolar e avaliação escolar, a questão ambiental; além disso, a elaboração de oficinas pedagógicas com as temáticas da cultura africana e indígena, uso de tecnologias e alunos-surdos. Além da participação em diversos eventos acadêmicos. Por fim, os professores destacaram a importância desta atividade formativa na SME, a sua potencial continuidade para os próximos anos, além de sugerirem abertura de espaços de discussão nas escolas para que o mesmo seja incorporado ao trabalho docente.

Palavras-chave: Grupo de estudos, Formação continuada, Geografia.

Introdução

Este trabalho visa apresentar as principais atividades desenvolvidas pelos professores participantes nos Grupos de Estudos por componente curricular de Geografia. Os Grupos de Estudos referem-se a uma modalidade de formação continuada desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura Municipal de Campinas (PMC).



Utilizaremos a denominação GF para designar os Grupos de Formação Curricular, pois esta sigla foi historicamente construída na rede de ensino municipal, e utilizada até hoje pelos professores.

Nosso intuito é fazer uma breve descrição do surgimento dos Grupos de Formação (GFs), bem como apresentar suas principais características organizacionais e sua atividade de trabalho. Além disso, destacar algumas mudanças ocorridas na estruturação dos GFs devidos as políticas públicas implementadas por cada gestão municipal, que tentavam ressignificar os GFs, ou mesmo, tinham outras propostas de formação continuada atreladas aos GFs.

Por fim, apresentaremos mais detalhadamente as atividades desenvolvidas especificamente com relação a temática étnico-racial, por se tratar de um dos objetivos presentes nas Diretrizes Curriculares Municipais.

Contextualizando os Grupos de Estudos e Formação

A Prefeitura Municipal de Campinas, por meio da Coordenadoria Setorial de Formação, vinculada a SME, oferece aos professores da rede pública municipal um programa de formação continuada distribuído em diversas modalidades: I - Cursos; II - Grupos de Estudo; III - Grupos de Trabalho; IV - Palestras; V - Seminários; VI - Encontros; VII - Fóruns; VIII - Oficinas; IX - Outras modalidades que atendam aos objetivos da SME. (RESOLUÇÃO SME Nº 05/2016 – Publicado em DOM em 29/02/2016).

Os professores efetivos e contratados podem participar dessas modalidades formativas, observando os horários em que tais “momentos” acontecem normalmente em horário oposto ao seu trabalho docente com alunos nas escolas. Todos são remunerados para participar da formação continuada por meio das denominadas: Carga Horária Pedagógica (CHP) ou Hora Projeto (HP), dependendo do “vínculo institucional” relativo ao cargo do professor, pois, alguns deles possuem CHP e HP, outros apenas o HP (caso, dos professores ingressantes na rede a partir de 2010).

Neste trabalho, vamos nos ater a modalidade formativa II denominada de “Grupos de Estudos”, por ser tratar uma ação um tanto diferenciada de formação continuada, e a qual os professores autores deste artigo, têm participado nos últimos anos.

Os GFs se tratam, portanto, de uma modalidade de formação continuada que acontecem por meio do encontro coletivo de professores do mesmo componente curricular em

um determinado dia da semana. Existem 9 grupos de formação distribuídos por 8 componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Arte, Educação Física e um de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os GFs tiveram seu início como grupos de estudos existentes desde meados da década de 80 agregando os professores de uma determinada escola da rede municipal, na qual os professores se reúnem para discutirem a respeito de suas práticas pedagógicas, e possíveis melhorias para a escola, como na relação professor aluno (FERRAZ, 2001; BUDIN, 2014).

Essa modalidade de formação iniciou-se na gestão 83/88 e permaneceu durante as duas gestões seguintes. Nessa trajetória passou por mutações em seus objetivos e formas de funcionamento, mas conseguiu sobreviver, apesar das discontinuidades político-administrativas. Era considerada uma das estratégias mais legítimas desenvolvidas na SME visando à formação docente (FERRAZ, p. 103, 2001).

O início dos GFs se deram por meio de iniciativas dos próprios professores da rede municipal, incentivados e apoiados por uma Orientadora Pedagógica (Ferraz, 2001). Na década de 90 ganham força ao serem incorporados pela rede municipal como uma modalidade de formação continuada devido a reivindicação dos próprios professores, no momento em que a Orientadora Pedagógica que organizava os encontros apresenta a proposta a nova Secretária Municipal de Educação. No ano de 1991 foi criado o Estatuto do Magistério, incentivando a formação continuada dos professores e fortalecendo os grupos de formação.

A organização dos GFs apresenta-se da seguinte maneira:

O Grupo de Formação (GF) de professores tem como membros participantes um professor-formador pertencente ao quadro efetivo de professores municipais, e professores de cada componente curricular que desejam compartilhar dos encontros de formação. O professor que almeja participar do grupo deve ter, em seu horário de trabalho, resguardado as horas para tal atividade sendo que, desta forma, não estaria na escola e sim reunido com o grupo (BUDIN, p. 26, 2014).

“Como esclarece a resolução SME/FUMEC nº02/2012, os GFs funcionam em horários preestabelecidos, em um determinado dia da semana. A atividade é remunerada correspondente a quatro horas/aulas” (BUDIN, p. 27, 2014). Essas 4 horas/aula são distribuídas em 3 h/a presenciais e 1 h/a a distância para estudos.

Durante a década de 2000 houve uma perda da identidade dos GFs organizados por componente curricular. Segundo depoimentos de alguns dos docentes da rede, os grupos por componente perderam espaço com a pouca participação de professores, e também o crescente

conceito de trabalho pedagógico se dar de maneira interdisciplinar. Assim os grupos passam a seguir eixos transversais com a ideia de grupos interdisciplinares.

Somente no final da década de 2000, mais exatamente em 2008 há a retomada dos grupos de formação como grupo de estudos por componente curricular. Houve a publicação em Diário Oficial das inscrições para participar dos Grupos com o objetivo de retomar os espaços de discussão coletiva específicos de cada componente curricular.

Durante as reuniões semanais do grupo, espera-se que sejam realizadas reflexões e discussões acerca dos dilemas e das dificuldades da prática pedagógica e da problemática da educação, através da troca de experiências. Além disso, propor ações de trabalho e atuação didático-pedagógica, com temas e conteúdos de aula, metodologias, trabalhos interdisciplinares, além de incentivar a discussão além do grupo, levando para o ambiente escolar de cada professor (BUDIN, p. 27, 2014).

Os GFs realizam seus encontros no Centro de Formação Tecnologia e Pesquisa Educacional (CEFORTEPE) “Prof. Milton de Almeida Santos”.

No ano de 2010 o grupo de estudos passa a ser denominado Grupo de Trabalho (GT), pois agora, além dos estudos dos componentes curriculares tem também o objetivo específico de trabalhar na elaboração das Diretrizes Curriculares Municipais de Campinas.

Em especial o Currículo de Geografia e História, foi produzido principalmente por professores de Geografia, pois poucos professores de História tiveram interesse em participar naquele momento. Deste modo, optou-se por um trabalho interdisciplinar composto pela constituição de uma área de conhecimento: as Ciências Humanas. Assim sendo, o ano de 2010 iniciou-se pela discussão e elaboração dos objetivos de aprendizagem e conteúdos básicos para a área.

No ano de 2011, os GFs voltam a existir com essa nomenclatura. Agora distribuídos novamente por componente curricular, eles apresentam um objetivo principal: realizar estudos sobre o Currículo a partir do documento das Diretrizes Curriculares municipais de Campina. A intenção era implementar as Diretrizes, ou seja, colocar na prática da sala de aula a teoria apresentada no documento.

A próprio Diretriz Curricular Municipal apresenta como um de seus principais princípios o processo contínuo de ação/reflexão/ação, de modo que o GF seria um espaço em potencial para a realização dessa dinâmica: refletir e agir sobre o trabalho docente em sala de aula.

Como maneira de fortalecer o papel desempenhado pelos GFs, os professores de Geografia se propuseram a elaborar textos didáticos sobre a formação de Campinas, por meio de documentários, além de discutir a lei 10.639/03 referente a História e cultura africana, refletindo a respeito de como aplicá-la na sala de aula (a qual abordaremos mais detalhadamente na última parte deste trabalho).

Neste ano de 2011, embora os GFs de História e Geografia acontecessem separadamente, sempre houve um movimento de aproximação dos componentes de modo que um encontro mensal acontecia coletivamente para a socialização dos trabalhos desenvolvidos e o intuito de seguir uma dinâmica semelhante.

No ano recorrente (2012) os GFs foram desenvolvendo diversas atividades de estudos, pesquisas e produções de trabalho. Embora o objetivo era possibilitar que os professores analisassem e próprio rede de ensino e propusessem ações de intervenção pedagógica, os próprios professores tinham também a intenção de impedir que consultores externos a rede impusesse suas metodologias de trabalho, criando assim no GF um espaço de resistência as investidas mercadológicas de programas de formação continuada.

Assim sendo, alguns professores do GF de Geografia participaram do XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG em Belo Horizonte (22 a 28 de julho de 2012), apresentando neste evento as ações pedagógicas desenvolvidas pelo GF.

Neste mesmo ano houve a realização do I Ciege – Congresso Intermunicipal de Ensino de Geografia, organizado pelos próprios professores participante do GF de Geografia.

Além disso, todos os GFs tiveram como incumbência da SME a confecção dos “Quadros de suporte pedagógico”, no qual haviam descritos ações e práticas metodológicas do trabalho pedagógico desenvolvidos pelos professores participantes dos GFs como uma orientação de trabalho para os professores da rede municipal.

Apesar de todo o trabalho realizado pelos GFs nos últimos anos, 2013 se caracterizou como um ano de grande perda: não houve a realização dos GFs! Neste ano, como uma nova proposta da SME, os professores que quisessem participar como formadores dos GFs deveriam elaborar um plano de trabalho e concorrer em um processo seletivo de professores-formadores. No entanto, um número inexpressivo de professores participou do processo pois as condições de trabalho não eram suficientes para executar tal tarefa. Diante deste quadro, nenhum outro incentivo foi dado a permanência dos GFs.

Caminhos percorridos: espaços e tempos demarcados pelo GF nos anos de 2014 e 2015

No ano de 2014 e 2015 para a retomada dos GFs foi necessário fazer algumas adequações. Primeiramente unir os professores de História e Geografia a fim de fortalecer os grupos. Porém divididos em duas turmas: turma A e turma B, para proporcionar que os professores participassem do GF com horários mais adequados.

De toda forma, o interesse e a dedicação dos participantes proporcionaram um trabalho bastante eficiente, na discussão das dificuldades sentidas em nosso trabalho nas escolas na implementação das Diretrizes e na produção de sugestões para reflexão dos colegas da rede que não puderam participar do GFC.

Discutiram a necessidade do resgate da importância dos conteúdos em nossas disciplinas, bem como a necessidade de recuperação da disciplina que possibilita a concentração nos estudos. Conteúdos importantes na medida de sua significância para o aluno e não na medida de sua imposição. O desafio foi de pensar os conteúdos na perspectiva de diálogo, não necessariamente pacífico e, sim, crítico, com a realidade do aluno. Em relação à disciplina, repensamos a relação entre ato infracional e punição tendo como referência o contexto da discussão entre justiça punitiva e restaurativa e procurando estabelecer ligações com os vários tópicos dos conteúdos de nossas disciplinas.

Segundo o coordenador, eles experimentaram, um tipo de abordagem que não separa conteúdo e método, já que este significa ver os conteúdos como significativos, a partir de problemas que enfrentamos em nosso dia a dia, tanto como professor como aluno e como cidadãos, baseados no “ir e vir” que possibilita o diálogo com a realidade presente é condição fundamental para que os conteúdos sejam significativos.

Abordaram também a questão da avaliação, partindo da perspectiva assumida pelas Diretrizes Curriculares Municipais. Começando com uma reflexão crítica, a partir de estudo de vários sistemas de ensino, a respeito da avaliação padronizada, com forte presença em nossa prática avaliativa e, depois, refletindo a partir das diferentes perspectivas apontadas nas Diretrizes, tais como a avaliação compartilhada, a avaliação institucionalizada e a avaliação registrada, com uma rápida sugestão de composição dos grupos de saberes.

O Grupo, além da preocupação com o registro para socialização com os colegas da rede, teve também a oportunidade de ser um espaço de troca de ideias, exposição de angústias e preocupações que nos afligem em nosso trabalho diário nas escolas. Nesse sentido, internamente foi também muito produtivo e necessário para melhor desempenho de nosso trabalho.

A turma B (da tarde) do GFC de Geografia e História, teve como proposta de trabalho, voltar-se para as Diretrizes Curriculares Municipais a fim de identificar quais objetivos de aprendizagem eram comuns aos componentes de Geografia e História. Assim sendo, elegeram como meta de trabalho uma construção coletiva de atividades com base nos quadros de suporte pedagógico destacando três eixos de trabalho: 1) Meio ambiente; 2) História e cultura africana; 3) História e cultura dos índios brasileiros.

Atividades realizadas se deram no intuito de demarcar o espaço do GF como um local de produção de conhecimentos pelos professores da rede municipal, além de assegurar a importância deste tempo para a reflexão e ação sobre o trabalho docente. Desta forma, os professores destacaram o estudo de textos referentes as temáticas da “cultura” e do “meio ambiente”, dispostos no livro “Novos temas de História para sala de aula”. Foram realizadas as leituras dos artigos do livro e seu respectivo debate nos encontros do GF.

Outros momentos interessantes foram a participação em palestras e eventos pedagógicos e acadêmicos referente a memória dos “50 anos da Ditadura Militar”, em um evento na Unicamp durante os Fóruns Permanentes. A participação no evento permitiu uma reflexão crítica dos professores sobre a Ditadura Militar no Brasil, e ao mesmo tempo uma reflexão sobre o trabalho a ser desenvolvidos com os alunos relativo a este tema.

Como havíamos elegido a questão ambiental como um dos eixos de pesquisa e trabalho, optamos por analisar a inserção das nossas escolas no espaço geográfico do município de Campinas, com a proposta de fazermos estudos do meio, fotografias, e um histórico da origem das nossas escolas, bem como o surgimento dos bairros.

Um trabalho semelhante já havia sido realizado pelo professor da História na escola Raul Pila. Deste modo, destacamos como projeto-piloto do GF a escola do Parque Oziel, onde um dos professores trabalhava, a fim de identificarmos a origem e formação deste bairro. Para isso, fomos até a Biblioteca Pública Municipal “Prof. Ernesto Manoel Zink”, pesquisar

notícias de jornal que falavam sobre a formação do bairro, e noticiavam sobre as ações realizadas no bairro relativas a produção do espaço.

O desenvolvimento de atividades pedagógicas voltada para as questões étnico-raciais

Optamos como metodologia de trabalho dentro do GF a elaboração de oficinas pedagógicas das temáticas africana e indígena (LEIS 10.639/03 e 11.645/08). De início estudamos a legislação que trata dos temas destacados, fizemos leitura de livros paradidáticos disponíveis na biblioteca de nossas escolas, bem como revistas e outros livros que pudessem nos dar embasamento teórico e mesmo sugestões de atividades a serem desenvolvidas com os alunos, por meio de textos, vídeos, figuras, mapas, entre outros.

Ao realizarmos os estudos partindo das Diretrizes Municipais, destacamos dois objetivos:

- Compreender aspectos do modo de vida dos povos primitivos, ameríndios e comunidades africanas pré-coloniais (LEIS nºs 10.639/03 e 11.645/08).
- Apropriar-se de noções do “multiculturalismo” (valorização das diferenças étnico-raciais) (DIRETRIZES MUNICIPAIS DE CAMPINAS, 2010).

A partir desses objetivos, em 2011 elaboramos um projeto piloto que consistiu em um trabalho desenvolvido em cada unidade escolar que cada professor leciona, por meio da elaboração de planos de aula que consistiam em trabalhar as questões étnico-raciais.

Desta forma, houve a seleção de materiais pedagógicos como: textos, imagens, vídeos. Cada professor desenvolveu uma atividade dirigida aos alunos do 6º ano 9º ano.

Uma das atividades destacadas foi uma pesquisa de campo sobre a identidade étnica dos alunos. Nessa atividade os alunos fizeram uma pesquisa em toda a escola, a fim dos alunos se identificarem por cor/raça de acordo com as denominações do IBGE. Foi um trabalho realizado especificamente com os 7º anos, ao abordar as características do povo brasileiro. A intenção desta atividade foi desenvolver nos alunos o sentimento de identificação com sua raça/cor/etnia, trabalhando a questão do preconceito racial e de ações afirmativas.

No ano de 2016, uma atividade desenvolvida por professoras participantes do GF refere-se diretamente a este tema foi por meio de dois trabalhos: “O negro na Paisagem” e “O

Brasil, quintal da África”. Ambos estão inseridos em um amplo trabalho, desenvolvido ao longo do ano na escola “EMEF Oziel Alves Pereira”, intitulado de Africanidades.

No mês de maio deste ano, aconteceu em Poços de Caldas (MG), a 11ª FLIPOÇOS - Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas). As professoras, participaram deste evento, e lá assistiram à várias palestras com grandes escritores e escritoras como Alice Ruiz, Rosana Mont’Alverne, Adriana Carranca, Paulo Lins e tantos outros que inspiraram o desenvolvimento do trabalho com os alunos.

Desses “tantos outros”, decidiram destacar o escritor MBate Pedro da Moçambique. MBate falou sobre como foi sua saída da África, pela primeira vez, para vir ao Brasil, da ansiedade que sentia com relação ao nosso país e que, quando aqui chegou, percebeu que “o Brasil é o QUINTAL DA ÁFRICA”, pois viu que temos muito da cultura de seu povo (moçambicanos). Além de falarmos o mesmo idioma, temos a música, a culinária, a alegria das pessoas e, à partir daí, sentiu-se em casa. Disse também, sobre as dificuldades de ser escritor em um país ainda em desenvolvimento. “

Diante disso, as professoras observaram que os dois países apresentam semelhanças e nesta perspectiva desenvolveram atividades com os alunos, afim de aproximar a África ao Brasil.

Foram desenvolvidos então trabalhos em sala de aula, a fim dos alunos conhecerem um pouco sobre Moçambique e toda a África de forma geral. Os alunos produziram mapas, fazendo a construção de legendas de modo a identificar os 54 países africanos. Esses trabalhos foram expostos para toda a comunidade escolar, no pátio da escola, em um painel intitulado “Brasil, quintal da África no Mundo”.

Outra atividade desenvolvida pelas professoras com seus alunos, foi a inserção do negro do cotidiano. A importância de se destacar a cultura africana, como a culinária, as músicas, os costumes, os dialetos, as palavras utilizadas no Brasil de origem africanas, entre outros aspectos.

Nesta atividade, um dos trabalhos denominou-se “O negro na paisagem”. Esta atividade foi direcionada aos alunos dos 6º e 7º anos, pelo fato da paisagem ser uma das categorias geográficas, como podemos ver nas fotos a seguir. Desta forma, os alunos poderiam se identificar e se reconhecer naquele espaço.

Alunos produzindo os trabalhos



Fonte: SILVA, 2014

Exposição dos trabalhos



Fonte: SILVA, 2014.

A partir deste trabalho, ampliou-se a inserção do negro em outros espaços e ambientes, como “O negro no meio ambiente”, “O negro no trabalho”, “O negro no shopping”; ou seja, a fim dos alunos se reconhecerem em todos os lugares.

Diante destas atividades o objetivo principal é de os alunos valorizarem as características e a cultura dos negros, a beleza do seu cabelo, por exemplo. Para isso, foram oferecidas oficinas pedagógicas como tererê, capoeira, samba, culinária.

Reflexões e considerações necessárias

Uma reflexão interessante a respeito dos GFs se deu na medida em que fomos avançando em nossas discussões, e tomando consciência do universo imenso de problemas e questões extremamente relevantes a serem ainda discutidas relativas ao espaço escolar.

Por isso achamos vital para a rede municipal não só a continuidade dos grupos de formação para anos subsequentes, de preferência no mesmo formato, isto é, História e Geografia em conjunto, mas também a ampliação da discussão, com participação dos componentes em outros espaços de discussão nas escolas e promoção de seminários e congressos com participação de todos os professores.

Algumas considerações indispensáveis referem-se à necessidade de fortalecer espaços e momentos de formação continuada semelhantes aos GFs, onde haja a valorização dos

saberes dos professores e a possibilidade de teorização sobre a prática docente, como uma política pública de educação para que os GFs não fiquem a mercê de cada gestão política municipal.

A urgência na adequação da jornada de trabalho de acordo com a lei do piso nacional (LEI 11.738/08), uma vez que dois terços da jornada são referentes atividades de interação com os educandos, sendo desta forma, reservada um terço da jornada de trabalho para preparação de aulas e formação em serviço.

Por fim, destacamos que o GF de Geografia tem se firmado como um espaço de constante movimento de estudos, produção de conhecimentos e discussões, visando melhorias nas práticas docentes por meio da socialização dessas práticas entre os professores. Afinal, todos os professores envolvidos pertencem a mesma rede de ensino, tais trocas de experiências são significativas para que o professor possa implementar novos fazeres pedagógicos em suas aulas. As atividades do GF estão diretamente ligadas as ações pedagógicas, porém, não direcionadas ao professor de forma individual, mas visando o coletivo dos professores, destacando, por exemplo, a produção e discussão curricular por meio das Diretrizes Curriculares Municipais.

Referências bibliográficas

BUDIN, C. J. **Professores formadores em grupos de formação continuada**: possibilidades e limites da profissionalização do magistério. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

CAMPINAS. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação de Jovens e Adultos** – anos finais: um processo contínuo de reflexão e ação. Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico/Assessoria de Currículo e Pesquisa Educacional. Campinas-SP, 2013.

FERRAZ, A. **Educação continuada de professores**: um estudo das políticas da Secretaria Municipal de Educação de Campinas - 1983/1996. Dissertação de mestrado. UNICAMP. Campinas-SP, 2001.